

TERRORE NO MEIO DA NOITE

*Ela adormecera aconchegada ao bebê.
Quando acordou, havia um ladrão na casa*

Por JIM HUTCHISON

MATTHEW JENNINGS* estava no escuro, suando levemente, diante da casa de um único pavimento. O muro de quase um metro e meio não seria obstáculo para aquele jovem musculoso de 17 anos.

Marjorie Tidman mexia-se, irrequieta, na cama. O único som que chegava aos ouvidos dessa mãe de 36 anos era a respiração do filho Raymond, de 5 meses, que

* Nome mudado para proteger a privacidade.

dormia a seu lado. Ela não gostava de ar condicionado, por isso optara por dormir na parte principal da casa, enquanto o marido e a filha de 3 anos fugiam da umidade dormindo no chalé refrigerado nos fundos do terreno.

NAQUELA madrugada de 4 de março de 1995, Jennings cruzou o gramado e se dirigiu ao carro estacionado em frente ao chalé. Revistou o veículo em busca de ferramentas que o ajudassem a arrombar a casa.

Bang! Marjorie acordou repentinamente com um barulho abrupto. Por um instante, ficou deitada, imóvel, e então ouviu que alguém andava pela casa. *Deve ser Peter acordando cedo*, ela pensou, voltando a dormir.

Marjorie tinha se mudado com o marido para a pequena cidade australiana de Carnarvon havia onze anos. Era o lugar ideal para Peter, optometrista recém-formado, pois não havia outro na área. No início, enquanto Peter se estabelecia, Marjo-

rie colaborava num centro para jovens. Ela se tornou conhecida na comunidade aborígine da cidade e usava sua formação em psicologia para ajudar muitos daqueles jovens.

Marjorie agitou-se novamente na cama. Agora ela podia ouvir ruídos vindo de seu escritório. Olhou no relógio. O que Peter estaria fazendo ali às 2h30 da manhã? Uma luz foi ligada no corredor em frente a seu quarto. Peter jamais a acordaria dessa maneira.

Matthew Jennings alcançou o corredor. Estava atrás de dinheiro. Havia procurado na cozinha e no escritório, e agora revistava uma coleção de potes de cerâmica no corredor.

— Eu não o conheço — disse uma voz calma e firme.

Ele se virou bruscamente, deixando cair moedas pelo chão, e viu uma mulher de pijama, segurando um bebê adormecido.

— Você vai embora agora e eu não chamo a polícia — disse ela.

A reação dele foi saltar para a frente e agarrar o pulso de Marjorie, empurrando-a de volta ao quarto. Ela sentiu uma onda de pânico dominá-la quando ele a atirou sobre a cama. Rapidamente ela rolou Raymond para junto da parede, enquanto o intruso se preparava para atacá-la.

Não, não faça isso!, pensou Marjorie, levantando o pé e chutando Jennings violentamente na barriga. Ele acabou sendo arremessado no corredor e caindo de costas. Marjorie sal-

Ela pegou a faca para se defender, mas seus instintos a

tou da cama enquanto ele se recompunha. Ela se pôs em pé e gritou com todas as suas forças. Jennings hesitou, depois disparou pelo corredor em direção à cozinha.

Ela correu para fechar a porta do corredor, mas Jennings forçou com o ombro para abri-la, empurrando Marjorie para o quarto mais uma vez.

Ela tentou desesperadamente fazê-lo falar.

– Você deve conhecer Peter, meu marido – tentou ela. – Sua família é daqui?

Sem avisar, Jennings levantou o braço esquerdo bem acima da cabeça. Na penumbra do corredor foi possível reconhecer o brilho de uma faca.

Marjorie ergueu a mão. O metal rasgou sua palma. Ela torceu bruscamente a faca e sentiu a lâmina quebrar em sua mão.

Mas ainda restava a base da lâmina. Jennings tornou a levantar a faca e enfiou o pedaço de metal no peito de Marjorie. Em seguida, ele a puxou contra si e acertou-lhe um soco com força.

Ela sentiu uma explosão de luzes na cabeça quando caiu ao chão. *Mais um golpe desses e tudo estará terminado*, pensou. Quando Jennings se curvou para tornar a golpeá-la, ela começou a chutar furiosamente.

Cada fibra de seu corpo agora se concentrava na tarefa de sobreviver. Com um gesto veloz, ela tentou pegar a faca da mão de Jen-

nings. Apanhado de surpresa com a rapidez do movimento, ele deixou a arma cair. Marjorie a apanhou e então hesitou.

Ele era quase um menino, parecido com aqueles com os quais ela trabalhara no centro para jovens. Esfaqueá-lo ia contra seus instintos. *Eu tenho de detê-lo*, pensou Marjorie. *Mas não posso esfaqueá-lo no rosto.*

Arremessando o braço para trás, ela desferiu um golpe breve e súbito na nuca de Jennings. Ele recuou e se virou. Marjorie voltou a atingi-lo, mais embaixo, num lado da nádega. Dessa vez, porém, ele estava preparado. Agarrou-lhe a mão e arrancou dela a faca. Possuído pela ira, cravou o toco da lâmina na têmpora de Marjorie.

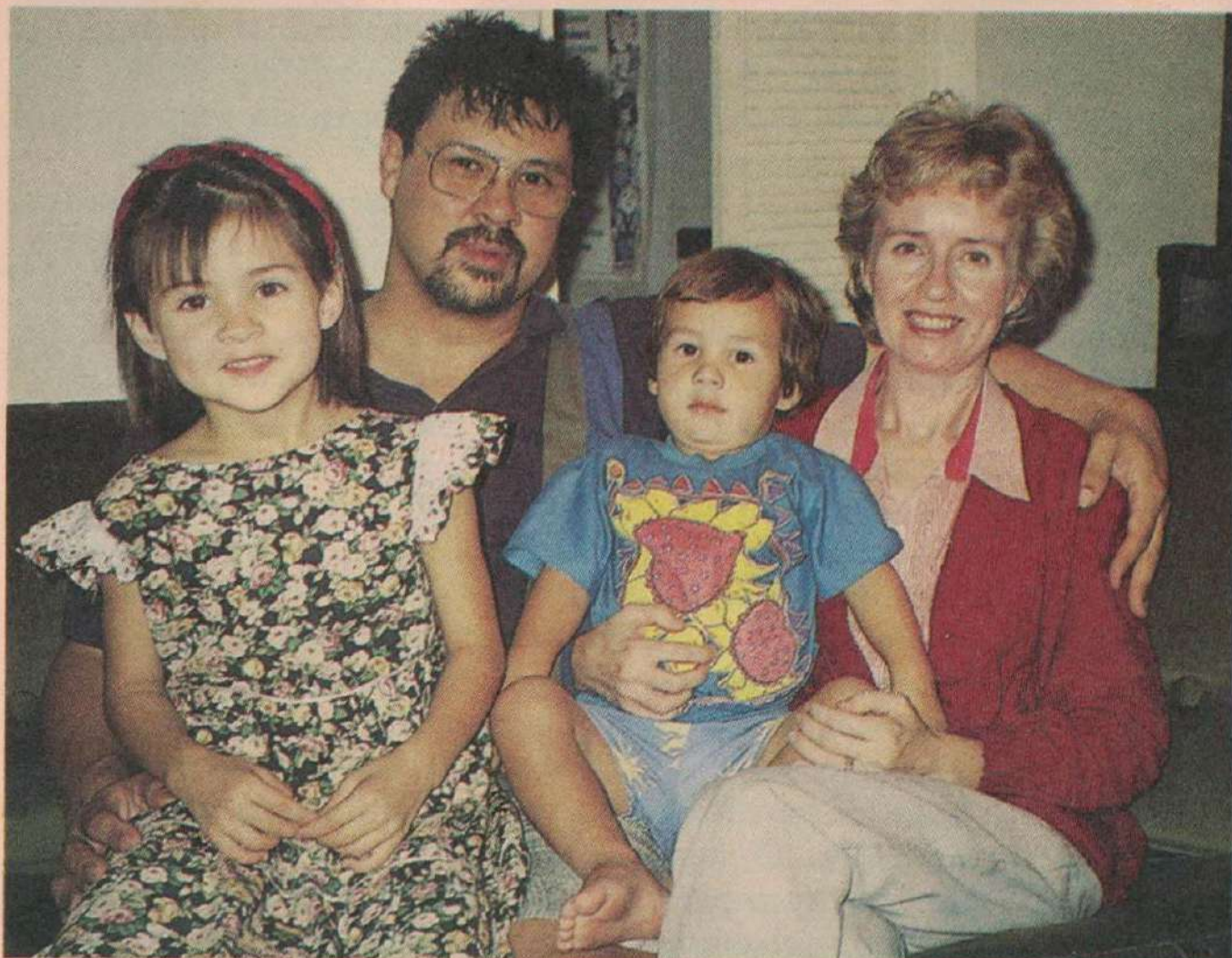
Sem condições de continuar se defendendo, ela se preparou para morrer. *E se ele matar Raymond?* Essa idéia queimava-lhe o cérebro. Ela tentou mexer-se, mas não conseguiu sequer levantar os braços. Desesperada, gritou, sem forças:

– Basta! Basta!

Como que por milagre, sua voz, quase um suspiro, deteve Jennings. Nesse momento ele saiu correndo do quarto. Ela podia ouvi-lo remexendo coisas na cozinha. *Ele foi buscar outra faca. Precisamos fugir daqui... agora!*

Marjorie pegou o bebê e procurou desesperadamente um lugar para se esconder. O banheiro! Ela voou para lá e bateu a porta com violência, en-

*impediram de prosseguir. Ele era **quase um menino.***



© JIM HUTCHISON

Seguindo em Frente— Escapar da selvageria deixou Marjorie Tidman (à direita) sentindo-se mais próxima de Deus e da família.

costando-se nela e deslizando para o chão. Apoiada entre o vaso sanitário e a porta, Marjorie abraçou as pernas e empurrou as costas contra a porta, enquanto Jennings tentava empurrá-la com todo seu peso. Mas não conseguia forçar a entrada.

Depois de alguns minutos ele desistiu. Marjorie olhou para baixo e viu que estava coberta de sangue. Sabia que lhe restava pouco tempo.

Ela acalmou o bebê e pôs-se a escutar atentamente. Não havia movimento na casa.

— Confie em Deus — murmurou para si mesma e abriu a porta.

Com Raymond nos braços, arrastou-se pelo corredor e cambaleou até o chalé.

Segurando o bebê com um só braço, ela bateu com força na porta. Nada. Peter não poderia ouvi-la por causa do barulho do ar-condicionado.

Ela alcançou a caixa de disjuntores perto da porta e ligou-os e desligou-os várias vezes, na esperança de que o barulho do aparelho ligando e desligando pudesse acordar o marido.

— Vamos, Peter! — arfou ela.

A porta se abriu e por um instante Peter ficou olhando para ela, estar-

recido. Então, arrancando a filha da cama, ele conduziu Marjorie – ainda com Raymond nos braços – para o carro.

– Preciso da chave – disse, virando-se para correr até a casa.

– Não! – gritou Marjorie. – Ele ainda pode estar dentro de casa. Não me deixe sozinha com as crianças. Vamos a pé.

Peter não discutiu. O hospital ficava a apenas duas quadras dali. Ele acomodou uma criança em cada braço.

– Apóie-se em mim – disse a Marjorie, e puseram-se a caminhar lentamente pela rua.

Encorajada pelas luzes do hospital, Marjorie conseguiu chegar à Emergência. Mas, quando estava prestes a entrar, ela parou e deixou escapar um arquejo.

Diante da porta, com a cabeça enfaixada, estava Matthew Jennings.

– É ele! – ela gritou.

QUANDO a polícia chegou para prendê-lo, os médicos atendiam Marjorie, suturando as feridas e fazendo uma transfusão de sangue. Mais tarde eles disseram que o gesto de manter a criança apertada contra o peito, sentada no chão do banheiro, havia reduzido o fluxo de sangue e provavelmente salvado sua vida.

Quando a comunidade aborígine da cidade soube do ataque, houve grande demonstração de emoções.

– Eu teria passado por tudo em seu lugar – disse-lhe um amigo.

À medida que a notícia se espalhava, uma leva de pessoas foi ao hospital para lhe desejar melhoras.

A recuperação, porém, não foi fácil, pois o incidente a deixou muito abalada. Certa noite, semanas mais tarde, quando Marjorie foi a um posto de gasolina, um carro cheio de jovens parou ali.

– Moça! – gritou um deles.

Ela ficou paralisada, lutando para não sair correndo.

– Sou eu, Ronald – identificou-se um dos garotos do centro para jovens. – A senhora sempre tentou nos ajudar. Sinto muito pelo que aconteceu.

Tempos depois, quando já estava suficientemente curada para voltar a andar sozinha, certa mulher que ela mal conhecia a deteve na rua e lhe deu um carinhoso abraço. Um gesto que se repetiu muitas vezes.

– Minha fé em Deus ficou mais forte depois do que aconteceu – conta Marjorie.

Ela agora dá aconselhamento a outras vítimas de violência.

– Posso usar o que aprendi para mostrar aos outros que, não importa quão ruins as coisas possam ficar, sempre há esperança, e a cura é sempre possível.

Em 2 de novembro de 1995, Marjorie Tidman subiu ao banco de testemunhas e prestou depoimento contra Matthew Jennings, que de acordo com a lei australiana era menor. Ele foi condenado a 11 anos de cadeia.
